

# A linguagem entre a comunicação e a educação

Adílson Citelli

Livre-docente da USP. Professor da graduação e pós-graduação do CCA/ECA/USP.

E-mail: [citelli@uol.com.br](mailto:citelli@uol.com.br)

Mãe, em que Idade Média estamos agora?

(Pergunta feita pela menina Joaquina à mãe Rosa Maria, personagens de Um filme falado (2003), do cineasta português Manoel de Oliveira.)

À escola coloca-se o desafio de trabalhar num universo marcado pelas linguagens complexas que singularizam, hoje, os meios de comunicação. Os deslocamentos e crescentes processos de integração entre os media – como a televisão, a internet, os jogos eletrônicos, o rádio – acentuam e intensificam as migrações do conhecimento e da informação, facultando aos jovens vivenciar experiências de linguagens que não se bastam, tampouco se confinam à tradição verbal. Essa evidência transforma a sala de aula em um espaço cruzado por mensagens, signos e códigos que não se ajustam ou se limitam à tradição conteudística e enciclopédica que rege a educação formal. As sociabilidades singularizadoras da existência dos jovens – incluindo desde a maneira de se relacionar com os espaços urbanos e os mecanismos de agregação em torno de grupos e tribos até os gostos musicais, a roupa, as perspectivas sobre o futuro, os interesses políticos, culturais e profissionais etc. – que ocorrem à escola estão marcadas por novos modos de ver, sentir e compreender.

Uma consequência evidente das inter-relações entre os jovens e as linguagens audiovisuais e videotecnológicas, na enorme capacidade que elas demonstram de interferir – o verbo deve ser considerado em suas diferentes acepções – na própria vida cotidiana, é a percepção de que os espaços foram encurtados e o tempo, acelerado. O ataque às torres gêmeas na cidade de Nova York, a invasão do Iraque, as ameaças da Coreia do Norte de produzir artefatos nucleares, o tsunami que provocou destruição e morte na Indonésia, o assassinato da freira Dorothy Stang em Anapú (Pará), o casamento do Ronaldinho (com Daniella Cicarelli) no castelo Chantilly na França, o escândalo do mensalão: tudo é aqui e agora. Em poucos minutos, os mais distantes lugares do planeta ficam à nossa disposição graças à internet, ao rádio, à televisão. Se do start resulta conhecimento é outra história.

Tal contexto tem levado, até mesmo, à promoção de pesquisas, reflexões e práticas por parte de comunicadores e educadores com o intuito de empreender ações didático-pedagógicas capazes de reorientar as relações de

ensino–aprendizagem. Trata-se, ademais, de pressupor que vivemos sob fluxos e tensões entre a escola formal e as chamadas escolas paralelas, aquelas que geram informação ou mesmo educação informal ou não-formal fora das instituições tradicionalmente vinculadas ao ensino. As salas de aula estão integradas, sob diferentes formas, dinâmicas e extensões, num ecossistema comunicativo. Ou seja, toda a sociedade – e a escola formal dentro dela – está recortada por redes e fluxos de comunicação. Nesse aspecto, o conceito de ecossistema comunicativo abriga: a) experiências culturais, entendidas quer no sentido amplo, quer no particular, pois dizem respeito, também, à capacidade de os media produzirem bens simbólicos, valores, formas de representação etc.; b) um conjunto de possibilidades técnicas e tecnológicas, que incluem mediadores como a internet, a televisão, o rádio etc.; c) um espaço educativo deslocalizado, em que são produzidos conhecimentos e informações. Diante do ecossistema comunicativo, a pergunta de Jesús Martín-Barbero é como fazer para que a escola continue “sendo o lugar onde o processo de aprender guarde seu encanto: ao mesmo tempo rito de iniciação nos segredos do saber e desenvolvimento do rigor do pensar, da análise, da crítica, sem que se perca o prazer de criar”<sup>1</sup>.

Admitir a existência de um diálogo próximo entre comunicação e educação significa, portanto, constatar que não se aprende/aprende mais como ocorria em tempos dominados por ciclos do conhecimento constituídos, apenas, em torno da oralidade primária ou da escrita: as novas possibilidades oferecidas por aquilo que Pierre Lévy<sup>2</sup> chamou de fase informático-mediática ressignificaram planos afetivos, de sociabilidade, de cognição. As intercorrências comunicativas e as práticas pedagógicas escolares passaram a ter, desse modo e por força das presentes circunstâncias históricas, enorme aproximação. Leia-se, aqui, não a simples e encantada constatação de que os ritmos modernizadores estão impondo, por obra e graça de algum mito do progresso continuado, novos padrões de ensino–aprendizagem, cabendo-nos apenas reiterá-los e reproduzi-los. O problema tem ordem distinta e não se refere ao evolucionismo ingênuo que, ao insistir na inevitabilidade do crescimento tecnológico e do impacto e força dos meios de comunicação, espalha grossa cortina de fumaça desejosa de ofuscar, quando não apagar, o festival de mazelas típicas do nosso tempo. “A questão do redesenho dos modelos educadores deve ser vista e entendida como decorrência das novas formas de perceber e mesmo sentir o mundo e onde os processos videotecnológicos desempenham papel central. No entanto, é preciso, igualmente, apreender tal processo em suas ligações com as mudanças ocorridas nos instrumentos de produção, nas características que vão reconfigurando as forças produtivas e, sobretudo, nas estratégias organizadoras do capital no mundo contemporâneo”<sup>3</sup>.

## ARTIGOS NACIONAIS

Para este número a revista selecionou artigos que, conquanto enfocando diferentes ângulos da comunicação, convergem nas mesmas preocupações referentes à educação.

Benalva da Silva Vitorio dedica-se a pensar como as configurações discursivas e os circuitos das palavras podem elidir a reflexão e a busca do conhecimento emancipador ao se entregarem ao já dito, à reiteração dos sentidos.

1. MARTÍN-BARBERO, Jesús. Heredando el futuro. Pensar la educación desde la comunicación. Nómadas. Bogotá: Fundación Universidad Central, n. 5, p. 19, set. 1996.

2. LÉVY, Pierre. As tecnologias da inteligência: o futuro do pensamento na era da informática. Rio de Janeiro: Editora 34, 1995.

3. CITELLI, Adilson. Comunicação e educação: a linguagem em movimento. 3. ed. São Paulo: Senac, 2004. p. 3.

Ainda trabalhando com categorias discursivas, Ivo José Dittrich examina o fato de o jornalismo estar se dedicando a produzir títulos das matérias, muitas vezes, regidos por elementos publicitários e de alto valor persuasivo. Tal procedimento requisita da parte dos professores que trabalham com o jornal na sala de aula especial atenção para os modos como manchetes e submanchetes são construídas.

Roseane Andrelo, em *A televisão e a prática do zapping: interatividade com a audiência*, mostra que o grande número de canais aliado ao controle remoto deixou o telespectador mais ansioso. A interatividade destaca-se como o traço característico da audiência, parecendo resultar das possibilidades técnicas oferecidas pelos novos meios e induzindo a condutas fragmentárias ou intermitentes.

Finalmente, Maria Cristina Rosa Wenzel e Sueli Soares dos Santos Batista examinam o conceito de infância registrado em textos da literatura infantil, em especial das obras de Rubem Alves e Maria Dinorah.

## ARTIGO INTERNACIONAL

Lúcia Villela Kracke, da Universidade de Chicago, analisa a constituição de certos mitos no contexto cultural asiático a partir do filme *Nenhum a menos* (1999), do cineasta chinês Zhang Yimou. Tendo por ambiente uma escola, Yimou estimula a reflexão sobre constituintes sociais e formas de relacionamento interpessoal. A despeito das distâncias culturais, a obra do cineasta chinês permite-nos indagar acerca de conflitos, sonhos e valores que se colocam de forma ampla às ações humanas.

## GESTÃO DA COMUNICAÇÃO

Um novo enfoque sobre o papel do imaginário na construção da identidade é a proposta do trabalho de Consuelo Ivo. O estudo elege o mito fundador da cidade de Guarulhos como tema para o projeto de intervenção no arquivo histórico da cidade, que tem procurado construir formas de resgate, preservação e divulgação da memória do município através da comunicação.

## ENTREVISTA

Os entrevistados deste número, Paulo Tatit e Sandra Peres, formam a dupla Palavra Cantada. Com dez anos de carreira, eles têm um trabalho inovador no cenário da música para criança, longe do estereótipo da música comercial para consumo fácil, conforme nos mostra Roseli Fígaro.

## CRÍTICA

A crítica proposta por Rosamaria Luiza (Rose) de Melo Rocha apresenta, de modo sintético, possíveis operadores conceituais para a análise da mídia jovem, focando especificamente sua inserção em processos sociais e culturais

de visualidade e visibilidade. Discute, em um estudo de caso específico, como a dinâmica midiática, de um ponto de vista formal e no modo como agencia seus conteúdos, interage e interfere na produção imaginária do jovem e do juvenil.

## DEPOIMENTO

O filme que vemos no escurinho do cinema passa por uma série de processos técnicos, artísticos, profissionais, que têm na montagem um elemento-chave, conforme registra a história do cinema, em obras clássicas como o Encouraçado Potemkin, de Eiseintein. Considerado por muitos um co-diretor, dada a responsabilidade que possui na escolha, ordenação e seqüenciação do material filmado, o montador precisa apresentar não só domínio das tecnologias da montagem, mas também talento capaz de singularizar a obra trabalhada. Em uma linguagem simples e plena de exemplos esclarecedores, Mirella Martinelli, montadora de importantes filmes brasileiros como Contra todos, de Roberto Moreira, e Extremo Sul, de Monica Schimiedt e Sylvestre Campe, permite que conheçamos alguns dos segredos e desafios presentes nessa arte de fazer do descontínuo, do take, da dispersão dos fotogramas, uma obra plena de sentidos.

## EXPERIÊNCIA

Em seu relato de experiência, a professora Ana Regina Gouvêa descreve o trabalho que realizou em uma escola pública do ensino fundamental, na cidade de São Paulo, com vistas a desenvolver um projeto educacional com os alunos.

## POESIA

Poetisa, professora, pedagoga e jornalista, Cecília Meireles assumiu importante posição na literatura brasileira do século XX. Em 1965, a Academia Brasileira de Letras outorgou-lhe o Prêmio Machado de Assis pelo conjunto de sua obra. Sua poesia foi traduzida para o espanhol, francês, italiano, inglês, alemão, húngaro, hindu e urdu, e musicada por Alceu Bocchino, Luis Cosme, Letícia Figueiredo, Ênio Freitas, Camargo Guarnieri, Francisco Mingnone, Lamartine Babo, Bacharat, Norman Frazer, Ernest Widma e Fagner.

## SERVIÇOS

A Casa das Rosas – Espaço Haroldo de Campos de Poesia e Literatura, mansão da década de 1930, que por mais de dez anos foi uma galeria de artes e exposições, agora se torna o primeiro centro cultural público dedicado prioritariamente à poesia e à literatura do Brasil.

## VIDEOGRAFIA

Maria Ignês Carlos Magno apresenta, a partir do filme 11 de setembro. Onze minutos, nove segundos e uma imagem, como onze cineastas contaram, em seqüências de onze minutos e nove segundos, histórias envolvendo os atentados contra as torres gêmeas em Nova York.

## BOLETIM BIBLIOGRÁFICO

As subseções Bibliografia sobre telenovela brasileira e Bibliografia sobre comunicação e educação trazem livros, teses e dissertações sobre a temática. Em Endereços úteis na internet, os professores podem ampliar o trabalho realizado nas escolas.

## ATIVIDADES EM SALA DE AULA

Ruth Ribas Itacarambi propõe projetos pedagógicos a serem desenvolvidos em sala de aula com alunos dos ensinos fundamental e médio, utilizando-se dos artigos publicados neste número.

Resumo: Apresenta como coloca-se à escola o desafio de trabalhar num universo marcado pelas linguagens complexas dos meios de comunicação. As sociabilidades singularizadoras da existência dos jovens que acorrem à escola estão marcadas por novos modos de ver, sentir e compreender. Aponta que esse contexto tem motivado a promoção de pesquisas, reflexões e práticas por parte de comunicadores e educadores. Surge assim o conceito de ecossistema comunicativo. A questão do redesenho dos modelos educadores deve ser vista e entendida como decorrência das novas formas de perceber e mesmo sentir o mundo. No entanto, é preciso, igualmente, apreender tal processo em suas ligações com as mudanças ocorridas nos instrumentos de produção, nas características que vão reconfigurando as forças produtivas e, sobretudo, nas estratégias organizadoras do capital no mundo contemporâneo.

Palavras-chave: linguagem, meios de comunicação, educação, escola, modelos educativos.

Abstract: This article shows how challenge of working on an universe marked by complex languages of means of communication is presented to school. Unique sociabilities of youth existence in school environment are pointed out by new ways of seeing, feeling and understanding. It indicates that this context has motivated researches, reflections and practices from communicators and educators. Then it emerges the concept of communicative ecosystem. The matter of redesign of educative models should be seen and understood as a result of new ways of noticing and even feeling the world. However, it is also necessary to apprehend such process in its relations to changes occurred in production means, in its characteristics which configure productive power and, mainly, in its organizing strategies of capital in nowadays world.

Keywords: language, means of communication, education, school, educative models.